

Envelhecimento, cultura e os judeus poloneses no Brasil

Aging, Culture and the Polish Jews in Brazil

Marianna Iorio Rates
Andrea Lopes

RESUMO: Investigou-se a relação entre imigração e significados de envelhecimento e ser velho, a partir da experiência de imigrantes idosos judeus de origem polonesa e descendentes. Uso de técnicas etnográficas. A família e a comunidade têm papel central no envelhecimento dos entrevistados. Os significados de velhice e envelhecer apontam visões contraditórias, acionadas conforme as vantagens simbólicas que proporcionam. Os aspectos étnico-imigratórios são importantes no trato do envelhecimento e velhice.

Palavras-chave: Imigração; Envelhecimento; Judeus.

ABSTRACT: *We investigated the connection between immigration and meanings of aging and being old from the experience of elderly Jewish immigrants and descendants of Polish origin. Using ethnographic techniques. The family and community have a central role in the aging of respondents. The meanings of old age and aging suggest contradictory visions, triggered as the symbolic advantages they provide. The ethnic-immigration aspects are important in the treatment of aging and old age.*

Keywords: *Immigration; Aging; Jewish.*

Introdução

O objetivo geral deste artigo é investigar a relação entre imigração e significados de envelhecimento e ser velho, a partir da experiência dos imigrantes idosos judeus de origem polonesa e descendentes, residentes na cidade de São Paulo.

O Brasil é um país de imigrantes, fruto de uma diversidade de etnias, raças e nacionalidades (Ribeiro, 2006; Araújo, 2000; Klein, 1994; Prado, 1988). Neste cenário, a Antropologia, na interface com a Gerontologia, parte do pressuposto de que as concepções de velhice e envelhecimento são resultados de construções históricas e socioculturais (Debert, 1998).

A Gerontologia é um campo de conhecimento multidisciplinar que investiga de maneira especializada as variáveis e determinações genético-biológicas, psicológicas e socioculturais do processo de envelhecimento e da velhice, como etapa do curso da vida. Assim, o envelhecimento humano na perspectiva gerontológica é entendido como um processo biopsicosocial, portador de características e demandas próprias (Neri, 2008; Silva, 2008).

No âmbito das contribuições das Ciências Sociais para a Gerontologia, discute-se o envelhecer como um processo de ordem natural, próprio da trajetória biológica de todo o ser vivo, que é alvo de influências socioculturais importantes, pois são definidoras de escolhas, formas, estilos e rumos de vida (Mercadante, 2006). Isso implica dizer que a construção dos diferentes cursos de vida dos seres humanos é influenciada diretamente pelas múltiplas variáveis e relações socioculturais às quais o indivíduo é exposto e toma contato ao longo da vida, fomentando, assim, a heterogeneidade das experiências do envelhecer até este se tornar o que denominamos *velho*. Dentro dos estudos sobre velhice e envelhecimento existem quatro perspectivas norteadoras: a tendência biológico/comportamentalista, a economicista, a perspectiva sociocultural e ainda uma última, que visa a contemplar as três anteriores, denominada transdisciplinar (Siqueira; Botelho & Coelho, 2002). Segundo as autoras, a perspectiva sociocultural entende que o embasamento em uma única visão para compreender esses dois fenômenos seja insuficiente. A noção de cultura nos serve como instrumento para desmistificar o processo natural como único responsável no que diz respeito ao que, de fato, implica ser homem na sociedade brasileira (Cuche, 1999), que na última fase da vida torna-se também socialmente velho. Por *cultura* podemos entender o complexo que inclui conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, religião, costumes e qualquer outra capacidade e hábitos adquiridos pelos homens como membros de uma sociedade ou grupo específico. Esse conjunto de variáveis constrói o universo simbólico dos grupos humanos e suas formas de existência sociocultural, que estão diretamente correlacionadas com sua existência emocional e física.

O significado da velhice irá variar de uma sociedade para outra de acordo com as diferenças culturais existentes entre o universo simbólico, a atuação e organização de seus

membros entre eles e com o meio (Lima & Viegas, 1988). Existia uma tendência, por parte dos estudiosos que se interessam por pesquisar velhice e o envelhecimento na metade do século XX, em analisar esses fenômenos como sendo homogêneos e apenas como cenário de desgastes e perdas biopsicosociais (D’Alencar, 1997). A autora menciona ainda que a complexidade da temática velhice está no fato de esta ser mais amplamente compreendida principalmente mediante aspectos de ordem sociocultural: “É necessário atentar para a questão de que não há uma ‘velhice’, mas sim ‘velhices’” (D’Alencar, 1997, p.35).

Quando observamos e comparamos a experiência de diferentes grupos culturais podemos entender que somente a idade cronológica do indivíduo não é fator universal e natural para que os membros de um grupo sejam identificados como velhos ou jovens. A idade cronológica é um atribuidor de *status* ocidental, um definidor de funções dentro do grupo e também um estabelecedor de demandas e direitos sociais (Debert, 1998). Em nossa sociedade, a idade cronológica relaciona-se diretamente com as transformações que o corpo experimenta ao longo do curso da vida, como na chamada velhice, o aparecimento de sinais físicos, a exemplo de rugas, flacidez e cabelos brancos; ou ainda, sócio-comportamentais, como o ato de se aposentar, o que pode aflorar alguns estigmas e determinar o valor que será atribuído a estes indivíduos.

A pluralidade da velhice está presente tanto nas diversas formas de se chegar a esta etapa e vivenciá-la, quanto nos vários grupos etários presentes em uma única categoria genérica chamada “velhice” (Barros, 2006). Além disso, a autora conclui que diferentes gerações de idosos atuarão socialmente de modo diferente de acordo com as oportunidades oferecidas para cada grupo ao longo do processo do envelhecimento. Portanto, como identificar uma pessoa como velha? O que faz enxergar alguém como um ser velho? Quais os elementos que compõem a identidade de velho? Quais as características socioculturais que estão presentes ao longo do nosso processo de envelhecimento e que colaboram para a construção da velhice no Brasil? O que significa ser velho na cidade de São Paulo, especificamente entre os judeus poloneses? A velhice, no geral, tal como entendemos a sua identidade social hoje, é algo atribuído pela sociedade urbana, somado a uma autoatribuição dos idosos (Barros, 2000). Ambos os processos, conjuntamente, acabam por separar os sujeitos de acordo com as suas idades e comportamentos esperados. Assim, a heterogeneidade da velhice aparece, entre outras coisas, na maneira como as pessoas vivenciam este momento de suas vidas, como construíram e continuam elaborando o seu processo de envelhecimento, bem como na forma em que os idosos se percebem e como percebem os demais indivíduos mais velhos ao seu redor (Barros, 1998).

Considerando os fenômenos históricos e políticos enfrentados por judeus poloneses em sua vinda ao Brasil devido à identidade cultural, somado ao processo imigratório que viveram, pretende-se averiguar quais os possíveis efeitos que estes fenômenos acarretaram nas experiências e significados edificantes da vida dos idosos e descendentes. No item, a seguir, será possível uma melhor compreensão do panorama histórico que fomentou a vinda e a consolidação desses imigrantes para o Brasil e, especificamente, para a cidade de São Paulo.

Brasil miscigenado: o cenário da imigração polonesa e judaico-polonesa

Neste momento, pretende-se tratar os principais aspectos do processo imigratório nos séculos XIX e XX. O Brasil é um país miscigenado e a formação de seu povo e cultura ocorre pela união de três raças distintas: índios, brancos e negros (Ribeiro, 2006). É este povo brasileiro que abre as portas do país para as mais diversas nacionalidades, etnias e culturas que aqui chegaram séculos depois, buscando novas perspectivas de vida.

Neste contexto miscigenado, a fim de entender o cenário em que acontece a construção do envelhecimento e os significados envolvidos neste processo vivido pelos imigrantes judeus poloneses e descendentes, interessa retratar quais foram os principais fluxos imigratórios poloneses, judaicos e, especificamente, judaico-poloneses, e quais os fatores que trouxeram esses imigrantes à metrópole paulistana.

A vinda de imigrantes para o Brasil se deu ao longo de toda a sua história, compondo, a partir de diferentes influências culturais, o curso de vida dos brasileiros. A chegada de grandes e diversificados fluxos imigratórios para o Brasil, provenientes de diferentes partes do mundo ocorre, no entanto, especialmente a partir da segunda metade do século XIX. O principal motivo pela vinda de estrangeiros neste período foi a substituição da mão-de-obra escrava nas fazendas de café por trabalhadores livres (Araújo, 2000).

Este grande fluxo internacional para o Brasil, iniciado na metade do século XIX, ajuda a situar a presença e participação dos poloneses no país. Apesar de este grupo de imigrantes ser considerado o sexto maior vindo para o Brasil, há poucos registros sobre a historiografia da imigração desta nacionalidade para o país e, especificamente, para a cidade de São Paulo. Alguns dos registros encontrados fazem parte do banco de dados do atual Memorial do Imigrante de São Paulo e, nestes arquivos, não se encontram presentes registros autorais ou locais de publicação. Por isso, houve a impossibilidade de serem mencionadas as devidas referências. Estes documentos serão referenciados ao longo do texto como Dados do Memorial do Imigrante de São Paulo.

Tais dados indicam que o primeiro grupo de poloneses que veio para o Brasil, neste período, não possuía participação em nenhum grande fluxo imigratório programado e promovido por políticas específicas. A primeira leva de poloneses que imigrou para o Brasil chegou em 1869 e que, no total, foram 164 pessoas que se dirigiram para o sul do país (Kawka, 2003). Por sua vez, os imigrantes poloneses que chegaram ao Brasil no século XIX foram registrados como russos, prussianos ou austríacos, já que a Polônia estava partilhada entre esses respectivos países. Esta partilha só foi finalizada em 1918, ao final da Primeira Guerra Mundial, quando a Polônia torna-se reunificada (Gritti, 2005).

Após a Primeira Guerra Mundial, houve a intenção por parte de alguns países em agrupar algumas minorias nacionais heterogêneas nos novos territórios específicos do Leste Europeu (Walzer, 1999). O autor cita como exemplo o Tratado da Minoria Polonesa que prezava por “poloneses que pertencem a minorias raciais, religiosas ou linguísticas” (Walzer, 1999, p.40).

Assim como em outros países europeus do século XIX, a estrutura agrícola caótica e as altas taxas de crescimento demográfico facilitaram essa vinda de poloneses para o Brasil. A escassa literatura e dados apontam que a vinda de poloneses para o Brasil se iniciou durante a segunda metade do século XIX, por volta de 1860, em grupos pequenos, sem apoio ou incentivo de políticas específicas, estabelecendo-se principalmente no sul e sudeste do Brasil.

A vinda de imigrantes poloneses, embora não podendo ser caracterizada como contínua, aconteceu até o início da Primeira Guerra Mundial. Pode-se afirmar que desde a chegada do primeiro grupo de poloneses que se tem registro, até 1934, entraram no Brasil mais de 100.000 poloneses. No período seguinte, entre os anos de 1935 a 1970, entraram no Brasil mais de 25.014 imigrantes poloneses, totalizando, aproximadamente, 130.292 no período de 1869 a 1970. Os Estados do Paraná e de São Paulo foram os responsáveis por receber o maior número de poloneses desse segundo período, dos quais, ainda assim, a maior parte dos mesmos estabeleceu-se no Paraná (Dados do Memorial do Imigrante de São Paulo).

A imigração de poloneses para o Brasil destaca-se entre os anos de 1925 e 1930 (Hojda, 1995). Segundo a autora, o ápice desta imigração ocorreu em torno de 1930, com a entrada de cerca de 9.000 poloneses. Em meio a estes estrangeiros, acredita-se que estão os judeus poloneses, pois até 1937, após a implementação do governo de Getúlio Vargas, os imigrantes não eram categorizados por religião, grupo cultural. Como os judeus imigravam de inúmeros países, a partir deste ano, o Brasil atentou-se para a quantificação devido à especificidade desse grupo, classificando-os separadamente de seus conterrâneos (Hojda, 1995).

A imigração polonesa para o Estado de São Paulo é um fenômeno pouco explorado pela nossa historiografia (Dados do Memorial do Imigrante de São Paulo). São poucos, ou quase raros, os dados a respeito desse grupo imigratório para a capital paulista. Diferentemente da imigração para as regiões do Estado do Paraná, uma primeira leva de imigrantes poloneses para o estado paulista ocorre no final do século XIX, onde se tornaram pequenos proprietários rurais na época do Império.

A imigração para o Estado de São Paulo se deu especialmente para o meio urbano e foi mais intensa nos períodos anteriores e posteriores as duas Guerras Mundiais (1914-1918/1939-1945), caracterizando as levas seguintes de imigrantes poloneses para o Brasil, sendo formadas por pequenos comerciantes, profissionais liberais e operários. Simultaneamente, existem dados que afirmam que a imigração judaica para o Brasil ocorreu, intensamente, entre 1900 e 1950, período em que a Europa enfrentou as duas Grandes Guerras Mundiais (Pereira, 2006).

Em um estudo sobre as relações inter-étnicas no bairro do Bom Retiro, na cidade de São Paulo, é explicado que, a partir de 1920, um grande contingente de famílias judaicas vem para a cidade (Truzzi, 2001). De acordo com o autor, o primeiro grupo a se instalar no bairro paulistano foi o de judeus russos, que para cá vieram após a dissolução do império czarista. Em seguida, imigrou um grupo de judeus poloneses que se dirigiram, significativamente para as áreas urbanas e comerciais. Houve uma tendência da imigração de poloneses judeus ser direcionada para as cidades, e aquela de poloneses não-judeus ter se voltado para regiões agrícolas, visto que o primeiro grupo já exercia atividades deste gênero antes de imigrarem (Lesser, 1994, como citado em Truzzi, 2001).

A imigração judaica para o Brasil ganha significado a partir da década de 1920, quando os Estados Unidos e a Argentina restringiram a entrada de determinados grupos, incluindo os judeus, em seus territórios (Decol, 2001). Segundo o autor, desde o final do século XIX o Brasil já havia se consolidado como um imponente destino da imigração internacional. O país encontrava-se em fase transitória para a urbanização e modernização. Considerando que os judeus sempre foram reconhecidos por suas características de trabalho urbano, não se torna difícil entender, levando em conta o contexto internacional, porque entre os anos de 1920 e 1939 aqui chegaram mais cinquenta mil judeus, advindos da Europa Central, do leste europeu e dos Balcãs, sendo direcionados especificamente para os Estados de Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre (Decol, 2001).

Além da situação conflituosa entre cristãos e judeus que permeou a Polônia após a Primeira Guerra Mundial, a conquista progressiva de territórios europeus pelo nazismo, sob o

comando de Adolf Hitler, também gerou um contexto de instabilidade para os poloneses de tradição judaica, que os transformou em uma coletividade de refugiados (Hojda, 1995). De acordo ainda com a mesma autora, os dados da *Jewish Colonization Association* revelam que, em 1936, ingressaram no Brasil, aproximadamente, 3.418 judeus de várias nacionalidades, sendo este valor correspondente a 30% do fluxo imigratório total no país deste ano.

A maioria dos judeus que veio para o nosso país é proveniente de países como a Polônia, Romênia e Hungria (Decol, 2001) e a comunidade judaica paulistana, no período entre as duas grandes guerras, foi formada por 64% de judeus advindos da Polônia (Hojda, 1995).

Baseado nos dados apresentados pela literatura consultada, percebe-se que os registros em torno da imigração de judeus poloneses para o Brasil ainda são escassos, por vezes confusos e imprecisos, mas que já apontam certamente, em sua grande maioria, a importância desse grupo imigratório para a composição do povo brasileiro, desde o final do século XIX e, por consequência, para a compreensão dos diferentes significados de envelhecer e ser velho no país.

Como a literatura evidencia que o maior grupo de judeus que chegou ao Brasil no século XX era de origem polonesa, é importante que seja feito um registro sobre o processo de envelhecimento de uma parcela da população paulistana, cuja historiografia não recebeu até hoje a devida atenção e interesse. No entanto, para além do registro histórico, a principal importância dessa pesquisa é o seu enfoque gerontológico. Dessa maneira, a proposta visa a apontar que as tradições, os costumes, o idioma, a religião, os rituais, a composição e status familiar, dentre outras, são características essenciais na promoção da nossa compreensão dos significados de envelhecer e ser velho em uma dada cultura, especialmente entre idosos imigrantes. Os resultados buscam reforçar, com base no referencial antropológico, a importância das variáveis de natureza sociocultural, como aqui eleitos os significados, na investigação, produção de conhecimento e intervenção junto aos idosos brasileiros e ao processo de envelhecimento como um todo.

Objetivos

Objetivo geral

Investigar a existência de relação entre envelhecimento e imigração na cidade de São Paulo.

Objetivos específicos

Averiguar e analisar como idosos imigrantes judeus de origem polonesa e descendentes, residentes na cidade de São Paulo, constroem o seu processo de envelhecimento e os significados de envelhecer e de ser velho.

Hipótese

A hipótese apresentada aponta que o processo de envelhecimento dos participantes desta pesquisa e os significados de envelhecimento e velhice construídos por eles recebem maior influência por parte da identidade judaica, do que propriamente polonesa.

Método e Técnicas

A realização deste estudo tem como base o método etnográfico, próprio da Teoria Interpretativa (Geertz, 1978). Esta teoria entende o conceito de *Cultura* de maneira semiótica, ao assumi-la como um conjunto de significados elaborados pelo próprio homem. Nesse sentido, a tarefa do etnógrafo consiste em promover uma descrição densa da cultura ou grupo cultural investigado, delineando as *teias de significados* elaboradas por seus próprios membros de maneira interdependente que, muitas vezes, conduzem as percepções, escolhas e rumos, a serem tomados pelo grupo e por aqueles que o compõe.

Esses significados organizam a dinâmica e os valores associados à experiência de ser, por exemplo, brasileiro ou judeu polonês. Na Teoria Interpretativa, as diferenças culturais são consideradas próprias da espécie humana (Geertz, 1978). Entende-se que é através da análise e interpretação de contextos culturais particulares, possíveis graças às diversas técnicas de coleta utilizadas, que os significados presentes nestas diferenças, bem como suas correlações, são desvendados.

Sujeitos

Os sujeitos selecionados para esta pesquisa foram idosos judeus poloneses e descendentes, residentes na cidade de São Paulo. Os idosos foram selecionados a partir de instituições/associações israelitas, localizadas na referida cidade, bem como através de indicações de outros participantes. O grupo dos participantes idosos judeus de origem

polonesa foi composto por dez sujeitos, sendo um homem e nove mulheres, com idades que variaram entre 81 e 87 anos, todos residentes na cidade de São Paulo, compondo a primeira geração de imigrantes. Buscou-se considerar “idoso” as pessoas com 60 anos ou mais de idade, conforme o Estatuto do Idoso.

O grupo dos descendentes foi composto pela segunda geração, ou seja, filhos de judeus de origem polonesa, nascidos no Brasil. Devido à não indicação de descendentes por parte dos idosos entrevistados, que alegavam serem seus filhos e netos muito ocupados, e mediante a proposta deste estudo, buscou-se trabalhar com as entrevistas de descendentes de judeus poloneses não necessariamente vinculados às famílias dos idosos entrevistados. Ainda assim, foi possível entrevistar uma descendente que nos indicou a sua mãe para a pesquisa, percorrendo o caminho inverso dantes proposto.

A partir da nova estratégia adotada para o recrutamento dos participantes, foi sugerida também pela pesquisadora a indicação por parte dos descendentes já entrevistados de pessoas pertencentes à terceira geração. Contudo, este grupo também alegou possuir parentes sem disponibilidade de tempo para este tipo de participação.

Com isso, foram entrevistados cinco descendentes, sendo um homem e quatro mulheres, com idades que variaram entre 53 e 72 anos. Deve-se ressaltar que dois destes participantes eram irmãos. Todos são nascidos e criados na cidade de São Paulo.

Instituições parceiras e seleção dos sujeitos

O contato com as instituições aconteceu por telefone, com a identificação da pesquisadora e breve apresentação sobre os objetivos do trabalho. Era solicitada à instituição a indicação de idosos judeus de origem polonesa. Quando necessário, era realizado o agendamento de uma reunião com profissionais e diretoria do local para a apresentação detalhada do projeto, bem como a avaliação das possibilidades de parceria. A partir deste acordo, era assinado pelo profissional responsável o termo de consentimento institucional.

Técnicas e Procedimentos

As técnicas etnográficas utilizadas nesta pesquisa são: observações, livre e participante, registro fotográfico, documentação e entrevista em profundidade.

Observações, livre e participante

As observações, livre e participante, foram realizadas em eventos e atividades cotidianas das instituições da comunidade, bem como nas residências dos idosos entrevistados. A partir destas duas técnicas, buscou-se observar como eram as relações familiares e comunitárias dos idosos e descendentes, bem como verificar a importância que estes vínculos possuem em seus cotidianos. Além disso, procurou-se saber como era a manutenção e quais eram os costumes culturais mais valorizados pelos participantes.

Registro Fotográfico

Ao final das entrevistas realizadas com os idosos e descendentes, foi solicitada a autorização para que fossem fotografados. Foram solicitadas também fotografias antigas, de quando eram crianças ou mais jovens, a fim de enriquecer os relatos sobre o processo de envelhecimento e estimular a observação das dinâmicas.

Documentação

A documentação coletada foi obtida junto a uma das instituições colaboradoras e participantes descendentes. Os documentos foram importantes para compor a etnografia apresentada, na medida em que completaram as outras fontes investigadas.

Entrevistas em profundidade

As entrevistas tinham como foco contribuir mais especificamente para a compreensão de como o idoso judeu polonês imigrante e o envelhecimento são entendidos pelos próprios idosos, pelos descendentes e pela comunidade judaica, através do relato desses dois primeiros grupos. Assim, esta técnica contribuiu para o enriquecimento dos dados já coletados por meio de outras técnicas, a fim de obter mais clareza sobre quem são essas pessoas, como vêm construindo o seu envelhecimento e os significados envolvidos neste processo, especialmente por intermédio de aspectos, como: a dinâmica de grupo e familiar, os conflitos, a identidade, os grupos de interesse, os valores, as crenças, os hábitos e as formas de preservação cultural.

As entrevistas foram realizadas nos locais sugeridos pelos entrevistados, com o auxílio de um gravador e um roteiro semi-estruturado.

Os participantes foram questionados sobre assuntos relacionados aos objetivos da pesquisa, divididos em três grandes blocos de interesse: a) Envelhecimento e Identidade; b) Aspectos Imigratórios e Comunitários; e, c) Significados. Antes de iniciar todas as entrevistas, foi apresentado o objetivo do estudo, bem como a natureza das perguntas que compunham o roteiro. O entrevistado foi alertado que poderia deixar a entrevista a qualquer momento e negar-se a responder as perguntas que não se sentisse confortável.

No final da entrevista, foi informada, também aos idosos e descendentes, a necessidade de autorizarem, para fins acadêmico-científicos, a utilização dos relatos concedidos, ao pedir a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como o uso de fotos e documentos cedidos pelos entrevistados. Os participantes ainda foram informados que a não concordância em assinar o termo implicava na desconsideração imediata do relato, registrado no gravador. Os nomes dos participantes foram mantidos sob sigilo na apresentação dos resultados.

Por fim, é importante ressaltar que devido à presença de apenas um participante do sexo masculino em cada um dos grupos entrevistados, optou-se por padronizar ao longo da etnografia as citações dos trechos dos relatos como sendo todas referidas pelo gênero masculino. Assim, buscou-se preservar os participantes homens deste estudo.

Instrumentos

As entrevistas em profundidade realizadas com os idosos judeus de origem polonesa foram orientadas por um roteiro semi-estruturado específico, subdividido nas seguintes temáticas e blocos:

A) Envelhecimento e Identidade:

Bloco A1: INDIVÍDUO

B) Aspectos imigratórios e comunitários:

Bloco B1: COMUNIDADE

Bloco B2: COMUNIDADE POLONESA NA CIDADE DE SÃO PAULO

C) Significados:

Bloco C1: COMUNIDADE E IDOSOS

O roteiro semi-estruturado que orientou as entrevistas com os descendentes foi composto pelas seguintes temáticas e blocos:

A) Envelhecimento e Identidade:

Bloco A1: INDIVÍDUO

B) Aspectos imigratórios e comunitários:

Bloco B1: COMUNIDADE POLONESA NA CIDADE DE SÃO PAULO

C) Significados:

Bloco C1: CULTURA JUDAICO-POLONESA E IDOSOS/ENVELHECIMENTO.

É importante ressaltar que os blocos que estruturam os roteiros semi-estruturados são compostos por um conjunto de diferentes formas de perguntar o pretendido, auxiliando a entrevistadora na coleta do relato, dependendo da circunstância e do entrevistado. Os entrevistados, no entanto, tiveram liberdade e autonomia para propor assuntos e rumos de conversa para além das questões cujas respostas pretendia-se que o relato expusesse. Os dados foram coletados até o alcance do *ponto de saturação*, ou seja, quando as respostas obtidas através das entrevistas com os sujeitos selecionados foram sistematicamente alcançando uma repetição de informações, percepções e significados.

A partir do tratamento do material coletado através das cinco técnicas etnográficas, elencaram-se as categorias de análise provenientes desses dados, a fim de responder aos objetivos propostos por este estudo (Geertz, 1978). O resultado foi a elaboração de uma etnografia que versa sobre a construção do envelhecimento entre judeus de origem polonesa e descendentes, residentes da capital paulista, e os significados de envelhecer e ser velho neste universo cultural específico. Os dados foram tratados, analisados e discutidos à luz da literatura investigada.

Envelhecimento e imigração: uma etnografia sobre os judeus poloneses da cidade de São Paulo

O envelhecimento humano, considerado do ponto de vista sociocultural, pode ser construído e interpretado de diferentes maneiras. Em parte, isso é explicado pelo status atribuído aos mais velhos, muitas vezes ainda vistos como sinônimo de envelhecimento em si. No entanto, deve-se entender como esse processo e essa fase da vida são elaborados a partir das crenças e valores que os diferentes grupos humanos possuem a respeito de seus membros em todas as idades e a respectiva repercussão na construção dos diversos cursos de vida.

A história oral ainda é a forma mais utilizada para a reprodução e manutenção das diferentes gerações, a fim de transmitir valores e perpetuar a comunidade. Em comunidades

de cultura oral, o idoso recebe maior valor, já que detém a sabedoria de leis, práticas de produção, comportamentos, ou seja, possui os ensinamentos de como dar continuidade aquele grupo (Lima & Viegas, 1983). As autoras ressaltam então que a pessoa idosa, nas mais diferentes sociedades, é valorizada de acordo com a sua capacidade de reprodução social, ou seja, o velho torna-se requisitado se possuir recursos que contribuam para que o grupo mantenha-se ativo.

O ato de lembrar cabe justamente aqueles que estão afastados da vida econômica produtiva de seu grupo (Bosi, 2004). Segundo a autora, as pessoas na idade adulta recordam suas memórias apenas como um ato de lazer, ou como uma distração de suas vidas agitadas. Já para os mais velhos, lembrar o passado é trazer de volta aquilo que já foi vivido, torna-se uma ocupação, o papel que cabe a eles.

Quando os judeus poloneses que sobreviveram à guerra se reúnem, por exemplo, a memória pessoal fica apoiada pela memória grupal, já que os membros daquela coletividade se identificam com a história do grupo, pois todos eles vivenciaram aqueles momentos, mesmo que pertencendo a diferentes gerações (Frochtengarten, 2002). A experiência dos velhos fundamenta a memória dos grupos, permitindo a interpretação de seu passado e compreensão do presente (Barros, 2006).

Neste estudo, as memórias dos idosos entrevistados foram um dos elementos importantes para podermos entender o foco de investigação. A experiência de envelhecer dos idosos judeus de origem polonesa, residentes na cidade de São Paulo em grande parte de suas vidas, nos revela dados interessantes para pensarmos a relação entre os temas Envelhecimento e Imigração. Aqui, interessa compreender como a experiência de envelhecer na condição de imigrante ou de descendente de imigrantes, e os pilares que a constroem e sustentam esses cursos de vida, contribuem para a construção e compreensão dos significados de ser velho e envelhecer para este grupo na atualidade.

O período imigratório deve ser investigado, pois se trata de um período da vida dos entrevistados que impactou fortemente na construção do seu envelhecimento. Deixar o país de origem em circunstâncias conflituosas, adentrar em outra cultura em busca de um futuro promissor, faz com que entendamos uma boa parte dos elementos que estão vivamente presentes no curso de vida dessas pessoas.

Os dados coletados neste estudo apontam, inicialmente, que em relação à imigração, os idosos entrevistados dividem-se em dois grupos: aqueles que vieram nos momentos anteriores aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial e aqueles que vieram na época do pós-guerra. Todos os entrevistados revelaram que estavam acompanhados de seus familiares

quando chegaram ao Brasil, e especificamente à cidade de São Paulo. Destaca-se aqui que os membros do primeiro grupo, pelo fato de serem crianças ou bem jovens na época de sua chegada ao Brasil, vieram juntamente com o seu núcleo familiar primário (pais, irmãos, avós etc.). Por outro lado, aquelas pessoas que desembarcaram no Brasil após os acontecimentos da Segunda Grande Guerra vieram já adultas e acompanhadas das famílias que eles mesmos constituíram: cônjuges e, em alguns casos, filhos.

Dentre aqueles que imigraram antes da Segunda Guerra Mundial eclodir, observou-se como característica unânime a vinda juntamente com a mãe e/ou irmãos na tentativa de conquistar uma vida com mais oportunidades, visto que as condições políticas e econômicas na Polônia estavam caóticas e já havia algumas dificuldades impostas pelos cidadãos cristãos aos judeus, referenciando comportamentos anti-semitas (Hodja, 1995).

Uma característica marcante entre os idosos do primeiro grupo citado é a vinda do pai dos idosos entrevistados, o chefe da família, para o Brasil antes dos demais membros. O patriarca judeu polonês vinha apoiado por seus próprios recursos, ou ainda, com auxílio de alguma política ou instituição imigratória, para organizar-se e adaptar-se no novo país e assim, propiciar um ambiente mais acolhedor aos demais familiares que posteriormente imigrariam (Hojda, 1995).

Pelo relato de um dos idosos entrevistados que imigrou para o Brasil antes da Segunda Guerra, podemos perceber melhor como se davam essas circunstâncias:

“Ele [o pai] veio aqui em 33, 1933 ele veio aqui no Brasil. Ele já tinha dois amigos dele que já moravam aqui em São Paulo. Aí ele se informou e então ele foi procurar um dos amigos dele que também era alfaiate, e um deles tinha uma fábrica de capas que era a maior fábrica aqui em São Paulo. (...) [Meu pai] chegou aqui [no Bom Retiro, em São Paulo], já ficou na casa de um deles. Ele era muito bom alfaiate, entendia de costura, logo arrumou um emprego na Zé Paulino, porque antigamente aqui [no Bom Retiro] quem tomava conta da costura, das confecções, eram só judeus. Aqui [no Bom Retiro] tinha poucas famílias de italiano e em 35 ele [o pai] já mandou passagem pra nós, pra mim, pra minha irmã, pra minha mãe. E nós chegamos aqui em 35. Veio a família toda.”

Os judeus, diferentemente de outros imigrantes, contavam com associações internacionais que ofereciam passagens e dinheiro para eles saírem dos países de origem. Com isso, chegando ao seu destino, os imigrantes judeus situavam-se próximos às agências

que prestavam assistência e tinham assim, condições de trazerem seus familiares (Lesser, 1995).

Os relatos narram que ambos os grupos de imigrantes judeus poloneses quando chegaram à cidade de São Paulo, seguiram uma tendência a se deslocarem, em algum momento de suas vidas, especificamente para o bairro do Bom Retiro. Esta movimentação acontecia pelo fato de lá estarem situadas famílias judaicas que auxiliavam os recém-chegados na conquista de trabalho e apoio cultural (Hodja, 1995). Além disso, a autora ressalta que o Bom Retiro foi o ponto de fixação de diversas famílias de judeus provenientes da Europa Oriental, como os poloneses, o que fortaleciam os laços comunitários.

No entanto, três idosos afirmam ter sido muito difícil a sua situação de imigrantes na cidade de São Paulo, seja por não conseguirem auxílio familiar dos que já estavam instalados aqui, ou mesmo da comunidade, seja pelas dificuldades que um lugar estranho, com um idioma diferente, oferecia. Esse relato reforça a família e a comunidade como principais, e talvez únicos recursos sociais disponíveis para o recebimento e acolhimento dos imigrantes desse grupo.

Por ser bastante organizada, a comunidade judaica pôde estabelecer instituições e associações que ofereciam contatos e oportunidades aos seus auxiliados, visando a adaptação de imigrantes na capital paulista (Truzzi, 2001). A fundação de entidades assistenciais judaicas em São Paulo inicia a constituição de uma vida judaica institucionalizada e fortemente comunitária (Cytrynowicz, 2005). Segundo o autor, a somatória das ações assistenciais com as habilidades profissionais dos imigrantes judeus e as oportunidades de empregos da capital paulista, resultou no ingresso social e econômico deste grupo de imigrantes na cidade. Complementando, os judeus poloneses que aqui desempenhavam atividades de cunho econômico puderam estabelecer organizações que atuavam ativamente no sistema judaico (Hojda, 1995).

Os imigrantes judeus consideravam-se brasileiros pelo fato de terem se naturalizado, ou ainda, porque se sentiam a serviço da nova pátria, e por isso, merecedores desta identificação (Hojda, 1995). No entanto, de acordo com os relatos, apesar de se identificarem com brasileiros por uma questão formal de nacionalidade, a cultura que fazem questão de envolverem-se e pertencerem é tradicionalmente judaica, independentemente do território que habitam. Ao mesmo tempo, quatro dos cinco descendentes entrevistados identificam-se da mesma maneira que os idosos, como judeus de tradição e brasileiros de nascimento.

Além da educação formal, seja através da escola ou eventos comunitários, os idosos entrevistados revelaram que os ensinamentos sobre a cultura e religião judaica, e a

manutenção dos costumes e tradições ao longo do curso da vida de seus membros, eram realizados igualmente e avidamente dentro da própria casa, entre os familiares. As características judaicas são transmitidas formalmente através de escolas e sinagogas, e informalmente através da família e da comunidade (Epelboim, 2006). Em entrevista tanto com os idosos, como com os descendentes, foi possível verificar que o exercício da cultura judaica, como um todo, dá-se fortemente também no seio familiar. Para iniciar essa discussão, é importante que entendamos a importância da figura materna para a determinação do que significa ser judeu.

Quando questionados sobre a identidade de seus filhos em relação ao Judaísmo, os idosos entrevistados explicam que quem determina se o filho será judeu ou não, é a sua progenitora, como podemos ver pelo relato do idoso a seguir:

“Nossa religião, assim, mãe judaica tem filhos judeus, não precisa batizar. O sangue dela judeu, já [diz que as crianças] são judeus.”

Em um estudo realizado com oitenta israelitas residentes na cidade do Rio de Janeiro, concluiu-se que a identidade judaica é formada pela inter-relação entre fatores religiosos, etnoculturais, educacionais, sociocomunitários e emocionais (Epelboim, 2006). A autora ainda afirma que existe uma discussão a respeito da identificação israelita, uma vez que os ortodoxos entendem como judeus aqueles que nasceram de mães judias, ou converteram-se às práticas religiosas. Por sua vez, os não ortodoxos entendem uma pessoa judia como aquela que possuiu ao longo de todo o seu desenvolvimento junto aos aspectos socioculturais do Judaísmo.

É no ambiente familiar que a matriarca judia, diretamente responsável pela identidade cultural de seus filhos, desenvolve junto com eles e a partir deles a sua relação com a cultura judaica e sua continuidade em gerações futuras.

Todos os entrevistados, sejam eles idosos ou descendentes, relataram seguir e preservar as tradições da cultura judaica. Mais do que isso, os entrevistados revelaram uma identificação muito forte com essas comemorações e ritos, sugerindo ser esse universo simbólico atribuidor de significados às suas vivências e experiências.

Dentre os aspectos culturais e, em alguns casos, religiosos do Judaísmo, se procurou saber quais foram mantidos até os dias de hoje, e quais se perderam com o passar dos anos. Novamente, é possível notar a representatividade que a família assume para um judeu e, no caso dos nossos entrevistados, para um judeu de origem polonesa e descendente. A prática das festas e demais atividades culturais está intimamente relacionada com a presença e

importância dos familiares, especialmente os membros mais velhos. O idoso descreve como se dá esse vínculo entre a prática judaica e o meio familiar:

“Quer dizer que a família se reunia nas nossas festividades em homenagem pra todos estarmos juntos, principalmente porque a minha mãe já tinha falecido, (...) em homenagem ao meu pai.”

Como pode ser visto, mais do que a religião judaica em si, sempre houve uma preocupação por parte dos entrevistados e de suas famílias em preservarem os traços culturais e identidade judaica de uma maneira global, não importando a intensidade e vínculo com a prática religiosa. Portanto, foi possível verificar ao longo da análise dos dados, que a religião judaica não foi necessariamente algo transmitido ininterruptamente entre as gerações, mas sim os fundamentos da cultura judaica em sua amplitude. Um dos idosos revela:

“Não é a religião, mas a origem judaica que continuou.”

A ausência de costumes e práticas polonesas na vida de todos os entrevistados pode ser notada em todos os relatos. A permanente influência dos pais, das famílias e da comunidade na contínua construção da identidade judaica determinou a ausência do exercício, e muitas vezes, do conhecimento, de tradições vindas da Polônia.

A explicação dada por este descendente foi um dado unânime que apareceu em todas as entrevistas. A revolta, o sentimento de mágoa existente, tanto nos idosos, quando em alguns descendentes, fez com estas pessoas anulassem sua identificação com a Polônia e com práticas específicas deste país. O que se pode notar é que essa aversão à Polônia é algo que transcendeu gerações, pois alguns dos descendentes também manifestaram compartilhar uma revolta contra o povo polonês e sua cultura. O relato abaixo evidencia:

“O que me talvez ficou de ser descendente de judeus poloneses foi a mágoa, uma mágoa do que se passou na Polônia, na época da guerra. O tratamento que os judeus receberam lá. Isso ficou. Porque a gente sabe o que se passou na Polônia e o anti-semitismo que havia lá. Então, isso ficou uma mágoa, talvez, mas de resto nada, não significou nada, absolutamente nada.”

Esta valorização da expressão judaica como base da construção da identidade dos participantes da pesquisa refletiu-se também na preservação do idioma ídiche e no desconhecimento e/ou não transmissão da língua polonesa. O ídiche é um idioma resultante de influências eslavas, alemãs e hebraicas e que era falado por judeus da Europa Oriental,

tendo sido perdido ao longo do tempo, devido à inserção dos filhos desses imigrantes em novas sociedades (Hojda, 1995).

Por ser um idioma de tradição oral, o iídiche assume um aspecto valorizador dos membros mais velhos que detêm o conhecimento da língua. Isso porque, entre os judeus, comunicar-se nesse idioma significa a preservação de uma cultura que conseguiu, mesmo em meio às adversidades, manter-se viva. Considerando que são os idosos judeus que mantiveram o conhecimento e domínio do iídiche, é atribuído a eles o mérito pela continuidade da identidade deste grupo.

As festas tradicionais, os rituais religiosos, a culinária e especificidades ao se alimentar, o idioma, o culto aos antepassados e aos mais velhos do grupo, e a negação da identificação com características e nacionalidade polonesa, tudo isso exercitado em ambiente familiar e comunitário, especialmente reforçados respectivamente pela mãe, os idosos, e o sistema escolar formal, foram aspectos socioculturais que se mantiveram até os dias de hoje entre os participantes desta pesquisa, constituindo-se significativamente como os pilares para a construção do processo de envelhecimento dessas pessoas e a identidade de velho entre o grupo entrevistado.

Considerando-se a maneira como esses idosos envelheceram, as características culturais envolvidas nesse processo, os mecanismos de enfrentamento e suporte, bem como os agentes envolvidos, buscou-se saber quais os significados presentes nestas dinâmicas.

Um fato bastante interessante neste estudo é que todos os idosos entrevistados tinham idade superior aos oitenta anos, revelando uma possível alta longevidade na comunidade judaica da cidade de São Paulo. Além disso, três dos cinco descendentes da segunda geração participantes também eram idosos.

Com relação aos temas *ser velho* e *envelhecimento*, percebeu-se uma confusão por parte dos entrevistados, a respeito das diferenças entre esses dois conceitos. Entre os idosos judeus poloneses, *ser velho* e *envelhecer* são considerados processos normais na vida de um ser humano, sendo que este último está diretamente relacionado ao primeiro.

Tornar-se velho para os idosos aparece como uma continuidade, algo natural, semelhante a um processo. Os relatos evidenciam que envelhecimento e tornar-se velho são considerados, muitas vezes, como sinônimos. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que alguns relatos apontam como um processo natural e contínuo, envelhecer e tornar-se velho para alguns idosos parece ser algo evitado mediante a possibilidade de a pessoa permanecer ou não ativa. A participação e o engajamento social figuram como elemento protetor *versus* identidade de velho, quando relacionados às perdas próprias do envelhecimento.

Então, quando os idosos foram questionados sobre o que entendiam por velhice e qual era o sentido desta etapa da vida para eles, foi unânime entre as respostas a associação de ser vida ativa com o fato de ainda ser jovem, e, portanto, uma negação, por parte dos idosos judeus de origem polonesa da identidade de “velho”.

Percebe-se uma ligação entre as percepções acerca de velhice entre idosos e descendentes. Os idosos não se enxergam como velhos pelo fato de estarem em constante atividade dentro da família e da comunidade judaica. Já os descendentes, percebem os idosos como velhos, independentemente da atividade. O que muda para este último grupo é se a velhice se caracteriza como uma fase boa na ausência de problemas de saúde, ou ruim, caso o indivíduo idoso seja portador de alguma enfermidade e/ou dependência.

Uma característica que apareceu como significado de uma vida ativa entre os idosos judeus poloneses foi a participação em instituições judaicas e a frequência em eventos da comunidade judaica. As atividades oferecidas por esses locais, o engajamento social e o fato de estarem em contato com pessoas da mesma faixa etária e grupo social faz com que estes idosos atribuam a sua condição de velhos um caráter ativo e, ao mesmo tempo, tranquilo. Aqui acontece uma situação ambígua: os participantes idosos não se consideram velhos; no entanto, atribuem que vivem bem a idade avançada devido aos mecanismos que possuem para se manterem inseridos socialmente, mesmo que seja em um grupo apenas para idosos.

Outro papel, além de oferecer atividades e oportunidade de engajamento, atribuído às instituições judaicas pelos idosos judeus poloneses e descendentes é o de atender com carinho e respeito aos membros mais velhos da comunidade judaica. Houve unanimidade nas respostas, entre idosos e descendentes, ao alegarem que, em conjunto, as instituições judaicas realizam um papel importante no tratamento e atenção às pessoas idosas.

Assim, percebe-se que no que se refere aos valores comunitários judaicos, diferentemente dos valores mais amplos presentes na cultura brasileira sobre o envelhecimento e os velhos, a condição de velho ganha um novo olhar, *status* e consideração, mais esperada, positiva e integrada. Dentro da proteção do grupo e todo o leque de significados positivos aliados aos longevos, assume-se mais naturalmente a identidade de velho. Percebe-se uma liberação da necessidade de atender a um modelo social, especialmente reforçado pelos apelos em torno da chamada “terceira idade” (Debert, 1997) e um compartilhamento da condição de velho entre os familiares e a comunidade étnica mais íntima, combatendo o que chamamos de reprivatização da velhice (Debert, 1999), quando o idoso torna-se o único responsável pelo seu envelhecimento e velhice. Assim, ao mesmo tempo em que os idosos judeus poloneses não se identificam com o estereótipo de pessoa

velha, ainda amplamente presente na sociedade brasileira, eles compartilham o *status* de 'ser velho' na comunidade judaica.

Portanto, para os idosos entrevistados, 'ser velho' torna-se positivo pelo *status* adquirido na comunidade e família judaica, como o respeito dos mais jovens pela sua sabedoria e conhecimentos/sentimentos para a continuação do grupo, e preocupante quando considerado o contexto e cultura brasileira.

Para alguns descendentes, a força da longevidade dos idosos judeus poloneses é atribuída justamente ao suporte e a força advinda da vida comunitária ao longo da vida e às características culturais do Judaísmo. Neste grupo percebe-se que as pessoas não envelhecem sozinhas. Cada período da sua vida é reconhecido e compartilhado entre os membros da família e da comunidade. Os significados em torno de si e do outro são construídos de forma interdependente, em uma via recíproca de dupla mão (Elias, 1994).

Mesmo assim, os velhos apontam o impacto dos estereótipos e mitos presentes na sociedade brasileira em torno da sua compreensão sobre o envelhecimento e o tornar-se velho de um lado, que os faz evitar essa condição através da atividade e engajamento social. Por outro, ambigualmente, fazem questão de marcar seu *status* e legitimidade como velhos dentro da comunidade judaica. Aqui, o envelhecimento, o velho e as memórias são apreciados, fazem parte de um processo natural e atuam como forma importante de legitimação do grupo através do exercício da geratividade e da sua capacidade de organização e enfrentamento dos problemas, coletivamente. O idoso dentro da comunidade judaica é valorizado e valorizante (D'Alencar, 1997), especialmente por deter os conhecimentos necessários à continuidade do grupo, como: conhecimento dos principais rituais e maneiras de celebração das datas importantes, o domínio do idioma iídiche e a preservação da identidade étnica.

A nacionalidade é mais vista apenas como local de nascimento do que propriamente como fonte de recursos culturais para a construção do curso de vida e os significados de envelhecer e ser velho.

Conclusão

A presente pesquisa buscou entender como os idosos judeus de origem polonesa e descendentes, moradores da cidade de São Paulo, constroem o seu envelhecimento e quais os significados atribuídos a este processo e aos velhos. A literatura antropológica e gerontológica apontam que cada indivíduo envelhece sob a influência de fatores históricos e socioculturais definidores de estilos e modos de vida.

No Brasil, devido às suas características histórico-culturais e a formação miscigenada do seu povo, muitas possibilidades de compreender a velhice e o envelhecimento são cada vez mais apontadas como possíveis.

No caso dos idosos imigrantes judeus poloneses e descendentes entrevistados, a família, as tradições e a comunidade judaica aparecem presentes ao longo de todo o curso da vida. Os entrevistados relatam vivenciar a cultura judaica, não valorizando os costumes e aspectos culturais poloneses, conforme a hipótese deste trabalho sugere. Os dados revelam uma frequente preocupação dos idosos judeus de origem polonesa, e descendentes, com a manutenção da identidade e dos costumes judaicos. Isso porque eles partem do pressuposto de que, devido aos sentimentos de mágoa e revolta com relação à morte de entes queridos durante a Segunda Guerra Mundial, o vínculo com a Polônia, que foi palco do anti-semitismo, e seus aspectos nacionais e culturais, foram perdendo valor. No entanto, há um sentimento de gratidão com o Brasil e uma identificação com a nacionalidade brasileira, mas mais como pátria onde se reside, do que propriamente como universo cultural de construção de si.

Os significados de 'ser velho' e 'envelhecer' apontam para duas visões e experiências contraditórias. Nos relatos é possível identificar uma visão de envelhecimento e de tornar-se velho como sinônimos, especialmente correlacionados à decadência, inatividade, sofrimento e doenças. Apesar da idade avançada, eles não se identificam, em certo momento, como velhos, quando apontam seu interesse pelos assuntos da família e participação nos eventos e ações comunitárias. Contudo, quando se referem ao zelo da comunidade para com os mais velhos, a importância das suas memórias e do respeito a sua sobrevivência, eles incluem-se nesse leque de vantagens e compartilham com mais veemência a identidade de velhos entre os membros do grupo.

Essas duas formas de entender o velho e vivenciar a idade avançada funcionam como sistema de proteção dos ganhos e enfrentamento das perdas comuns à passagem do tempo. Manterem-se engajados socialmente, frequentar as atividades destinadas aos mais velhos e promover a rede de apoio familiar, e ao mesmo tempo desta usufruir, são estratégias encontradas pelos idosos para continuarem vivos simbolicamente.

Assim, as instituições judaicas são apontadas como importantes instrumentos no exercício dessa experiência, ao longo de toda a vida. Ser idoso e envelhecer, em minorias étnicas, podem trazer privilégios e vantagens (Debert, 1999).

Mediante todo o material coletado, é possível perceber a grande importância da família como locus tanto de elaboração de significados no que se refere à compreensão da velhice como uma fase da vida, como quanto aqueles atrelados ao processo de construção do

envelhecer. Neste estudo, a família, e o *status* que ela alcança, especialmente entre as duas primeiras gerações, aparecem como promotores privilegiados de vários aspectos que surgiram nas entrevistas como inerentes ao que significa ser um indivíduo judeu de origem polonesa envelhecendo em terra estrangeira ou em uma nova pátria, como as festividades, o idioma ídiche, as relações de gênero, as formas de enfrentamento, a transmissão de valores e modos de vida, a culinária, a identidade e a forma e local de fixação. A família, e dentro dela as mulheres e os idosos, aparecem como os principais responsáveis por reunir, integrar e promover uma série de características culturais judaicas presentes no processo de envelhecer na condição de imigrante ou de descendente de imigrante judeu de origem polonesa.

Em suma, envelhecimento e imigração são fenômenos que caminham juntos na construção do curso de vida dos participantes desta pesquisa e no que significa envelhecer e ser velho entre os judeus poloneses imigrantes. As variáveis socioculturais presentes e determinantes neste processo são múltiplas, estão intimamente relacionadas e devem ser profundamente investigadas, legitimadas e acionadas. Questiona-se ainda, se o envelhecimento dentro da comunidade judaica seria passível de variações de acordo com as diferentes nacionalidades que a compõe. No que se refere aos judeus poloneses, as tradições do grupo superam as influências próprias relacionadas à nacionalidade ou cultura nacional, nos alertando para a complexidade desses fenômenos. O universo dos idosos imigrantes judeus poloneses investigados, incluindo os descendentes, aponta para uma rotina de vida organizada com base no valor que envelhecer bem e se autopreservar na condição de idoso, significa cultivar, transmitir e perpetuar a cultura dos seus antepassados. A família e a comunidade são, primeiramente, o local desse exercício.

Referências

- Araújo, J.R.C. (2000). *Imigração e Futebol: O Caso Palestra Itália*. São Paulo (SP): Fapesp/Editora Sumaré.
- Barros, M.M.L. (1998). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro (RJ): Editora FGV.
- Barros, M.M.L. (2006). Trajetórias dos estudos de velhice no Brasil. Lisboa (Portugal): *Sociologia, Problemas e Práticas*, 52, 109-132.
- Bosi, E. (1994). *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo (SP): Cia das Letras.
- Cytrynowicz, R. (2005). Instituições de assistência social e imigração judaica. *História, Ciências e Saúde-Manguinhos*, 12(1), 169-184.
- Cuche, D. (1999). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru (SP): EDUSC.

- Debert, G.G. (1997). A invenção da Terceira Idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. São Paulo (SP): *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 12(34), 39-56.
- Debert, G.G. (1998). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo (SP): Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp.
- Decol, R.D. (2001). Judeus no Brasil: explorando os dados censitários. São Paulo (SP): *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 16(46).
- Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar.
- Epelboim, S. (2006). Identidade judaica: considerações psicológicas acerca da dimensão religiosa. Campinas (SP): *Estudos de Psicologia*, 23(1).
- Frochtengarten, F. (2002). *Memórias de vida, memórias de guerra: uma investigação psicológica sobre o desenraizamento social*. Dissertação de mestrado em Psicologia. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo.
- Geertz, C. (1978). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro (RJ): Zahar Editores.
- Gritti, I.R. (s/d.). *A festa nacional da Polônia e dos poloneses*. Recuperado em 02 agosto, 2013, de: <http://2csh.clio.pro.br/isabel%20rosa%20gritti.pdf>
- Hojda, E.G. (1995). *Imigração dos judeus poloneses em São Paulo (1925-1940)*. São Paulo (SP): Dissertação Área de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- Klein, H.S. (1994). *A Imigração Espanhola no Brasil*. São Paulo (SP): Editora Sumaré.
- Lesser, J. (1995). *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Marisa Sanematsu, Trad. Rio de Janeiro (RJ): Imago.
- Lima, A.P. de & Viegas, S.de M. (1988). A diversidade cultural do envelhecimento: a construção social da categoria velhice. *Psicologia: Revista da Associação Portuguesa de Psicologia*, 6(2).
- Mercadante, E.F. (2006). Aspectos Antropológicos do Envelhecimento. In: *Tratado de Geriatria e Gerontologia*, 73-76. São Paulo (SP): Atheneu.
- Neri, A.L. & Debert, G.G. (1999). *Velhice e Sociedade*. Campinas (SP): Papirus.
- Neri, A.L. (2007). *Idosos no Brasil: vivências, desafios, e expectativas na terceira idade*. São Paulo (SP): Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESCSP.
- Neri, A.L. (2008). *Palavras-chave em Gerontologia*. Campinas (SP): Alínea.
- Peixoto, C. (1995). *Em busca do pequeno paraíso: Envelhecimento e Sociabilidade*. Rio de Janeiro (RJ): Grypho.
- Pereira, I.M.G. (2006). *Lembranças, esquecimentos, e documentos: Ginásio Israelita Brasileiro Chaim Nachman Bialik e o enraizamento de um grupo judeu na cidade de São Paulo (1943-1955)*, 09-51. Dissertação de mestrado em Educação. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo.
- Prado Jr., C. (1988). A Cidade de São Paulo: Geografia e História. *Coleção Tudo é História*, 78. São Paulo (SP): Editora Brasiliense.
- Projeções: Revista de estudos polono-brasileiros*. (2003). Curitiba (PR): Editora BRASPOL.
- Revista Kairós Gerontologia/Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento*. (2000). Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia. PUC-SP. São Paulo (SP): EDUC.

- Ribeiro, D. (2006). *O povo brasileiro*. São Paulo (SP): Companhia das Letras.
- Silva, L.R.F. (2008). Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. Manguinhos: *História, Ciências, Saúde*, 15, 155-168.
- Siqueira, R.L.de, Botelho, M.I.V. & Coelho, F.M.G. (2002). *A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais*. Rio de Janeiro (RJ): *Ciência e Saúde Coletiva*, 7(4).
- Truzzi, O. (2001) Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo. Rio de Janeiro (RJ): *Estudos Históricos*, 28, 01-22.
- Velhices: reflexões contemporâneas*. (2006). São Paulo: SESCSP/PUC-SP.
- Walzer, M. (1999). *Da tolerância*. Almiro Pisetta, Trad. São Paulo (SP): Martins Fontes.

Recebido em 02/09/2013

Aceito em 30/09/2013

Marianna Iorio Rates - Gerontóloga, Especialista em Administração Hospitalar e Gestão da Qualidade em Saúde. Analista do Departamento de Gestão da Qualidade e Riscos do Hospital 9 de Julho.

E-mail: marianna.rates@h9j.com.br

Andrea Lopes - Antropóloga, Docente da Graduação em Gerontologia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades, da Universidade de São Paulo. Coordenadora dos grupos de pesquisa e extensão EAPIS e ENVOLVE.

E-mail: andrealopes@usp.br